

(Texto preparado)

Manila, 14 de janeiro de 1997.

Discurso para o doutorado *honoris causa* em Sagrada Teologia

Rev.^{mo} frei Rolando V. De La Rosa, Reitor Magnífico,
Vossa Eminência Cardeal Jaime Sin,
Vossa Excelência Gian Vincenzo Moreni, Núncio Apostólico,
Reverendo frei Rodel Aligan, Secretário Geral,
Reverendo Máximo Marina, Vice-secretário Geral,
Senhor Rodolfo Clávio, escrivão

Chegamos, finalmente, ao dia em que os senhores tiveram a bondade de me conferir o doutorado em Sagrada Teologia.

Ainda maravilhada e incrédula, exprimo o meu mais sincero e profundo agradecimento.

Mas a teologia tem alguma relação com a minha pessoa, com a função que estou desempenhando a serviço da Igreja?

Os senhores mesmos poderão deduzi-lo, se tiverem a paciência de ouvir trechos da minha pequena história.

Começarei narrando com simplicidade alguma coisa da minha juventude, quando o meu ideal era o estudo, em especial o estudo da filosofia. Examinar textos dos filósofos antigos ou modernos, na busca da verdade, era algo que satisfazia plenamente a minha mente e o meu coração.

Mas, educada cristãmente e talvez movida por um impulso do Espírito Santo, logo me dei conta de que o meu interesse profundo era sobretudo conhecer Deus.

Por isso, eu estava convencida de que frequentar uma universidade católica poderia satisfazer esse meu anseio.

No entanto, na impossibilidade de realizar tais estudos, devido à precária situação econômica da minha família, inscrevi-me num concurso que oferecia bolsas de estudo a um determinado número de estudantes.

Tive uma grande decepção quando soube que não havia sido incluída entre aquelas estudantes; e chorei desconsoladamente.

Mas, enquanto minha mãe tentava me consolar, aconteceu um fato bastante incomum. Tive a impressão de ouvir, no fundo da alma, como se uma voz sutil me dissesse: "Serei eu o teu mestre!". E imediatamente me tranquilizei.

Eu era uma jovem católica e comungava diariamente.

Um dia, algo se iluminou.

"Por que", perguntei-me, "você busca a verdade? Por acaso não há alguém que disse que é Ele mesmo a verdade em pessoa? Jesus não disse a respeito de si mesmo: 'Eu sou a verdade'?"

E foi esse um dos primeiros motivos que me levaram a buscar a verdade não tanto nos livros quanto em Jesus.

E me propus a segui-lo.

Logo depois - estávamos no ano de 1943 -, a Providência fez germinar o que depois seria o Movimento dos Focolares.

Eu continuava os estudos numa universidade pública e, por quatorze vezes, devido ao crescente trabalho no Movimento, recém-nascido, tive que interrompê-los e retomá-los. Até que um dia tomei a decisão de colocar, de uma vez por todas, meus amados livros no sótão.

Um livro, porém, mantive comigo: o Evangelho.

Com o acirrar-se da guerra, eu levava-o, juntamente com minhas amigas, para os abrigos antiaéreos e o líamos. E eis a maravilha: aquelas palavras que já havíamos ouvido tantas vezes adquiriam um sentido profundo, um brilho insólito, como se, por trás delas, uma luz iluminasse a todas. Eram palavras diferentes das outras, inclusive daquelas que se encontram nos melhores livros espirituais. Eram universais (portanto, adequadas para todos: jovens, adultos, homens, mulheres, italianos, coreanos, equatorianos, nigerianos...), eram eternas (portanto, para todas as épocas, inclusive para a nossa). E podiam ser postas em prática. Aliás, escritas com divina incisividade, impulsionavam as pessoas a traduzi-las em vida.

Se de um lado todo o Evangelho nos atraía - de tal forma que passamos a considerá-lo como a regra do novo Movimento, de outro lado, aquela luz (hoje podemos dizer: o carisma) nos fez evidenciar e considerar especialmente nossas aquelas palavras que, encadeando-se uma na outra, constituiriam as ideias-força de uma nova espiritualidade na Igreja, a espiritualidade da unidade.

Mas antes de citá-las, gostaria de enfocar aqui dois episódios singulares.

O primeiro.

Nós, primeiras focolarinas, nos reunimos um dia num porão, para nos protegermos dos perigos da guerra. Abrimos o Evangelho por acaso e eis-nos diante da solene oração de Jesus ao Paiⁱⁱ.

"Pai santo", começamos a ler, e tivemos a impressão de penetrar pelo menos um pouco naquele trecho ainda difícil para a nossa preparação; mas sobretudo tivemos a certeza de que tínhamos nascido para realizar aquela página do Evangelho, que seria a "*carta magna*" do novo Movimento.

O segundo episódio.

Por uma circunstância singular, Deus tinha focalizado a nossa atenção sobre um aspecto do mistério da cruz: o abandono de Jesus.

Os místicos e teólogos afirmam que aquela foi a sua paixão interior, o auge das suas dores, o drama de um Deus que grita: "Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?"ⁱⁱⁱ

Movidas pela generosidade da juventude, decidimos seguir Jesus enquanto vivêssemos.

Essas ideias-força, extraídas do Evangelho, eram:

- Deus, o novo Ideal da nossa vida, que - em meio aos horrores da guerra, fruto do ódio - se manifestou tal como de fato é: Amor;
- fazer a vontade de Deus e viver a sua Palavra como possibilidade de responder ao seu Amor com o nosso amor;
- empenhar-se de modo especial no amor o irmão, sobretudo ao necessitado, como Palavra, na qual está sintetizada toda a Lei e os profetas;
- pôr em prática esse amor com radicalismo, vivendo o Mandamento Novo, típico de Jesus;
- carregar a cruz, qualquer cruz pessoal, dos irmãos e aquela presente na Igreja e na humanidade.
- realizar a unidade com Jesus e com os irmãos, tal como se apreende na sua oração pela unidade;
- viver com aquela presença de Jesus entre nós prometida àqueles que se unem em seu Nome, isto é, no seu amor.

Tudo isso, alimentando-nos diariamente da Eucaristia, vínculo de unidade; vivendo a Igreja sobretudo como "comunhão"; imitando Maria, "Mãe da unidade" em sua desolação; deixando-nos guiar sozinhos e em grupo pelo Espírito Santo, Amor-Pessoa na Trindade e vínculo de unidade também entre os membros do Corpo Místico de Cristo.

Nascia, assim, na Igreja, e talvez pela primeira vez, uma espiritualidade que se revelava mais comunitária do que individual, ou seja, que permitia não somente aos indivíduos chegarem à perfeição, mas ao grupo, ou melhor, ao povo.

E era uma forma de santidade - como estamos descobrindo com o passar do tempo - de surpreendente atualidade.

"A figura do santo (...) terá sempre o seu lugar de honra... - disse Paulo VI, quando ainda era cardeal -. Mas (...) a Igreja hoje busca uma santidade popular".^{iv}

E João Paulo II afirmou, falando aos bispos amigos do Movimento, que uma espiritualidade pessoal e comunitária é, ao mesmo tempo, "constitutiva" para os cristãos e, portanto, também para os bispos.^v

O arcebispo de Trento, no norte da Itália, onde o Movimento nasceu, abençoou-o reconhecendo no novo fenômeno, que surgiu na sua diocese, o dedo de Deus.

Naturalmente, nem tudo foi fácil. O Evangelho suscita amor, mas também ódio. Frente às suas obras nem mesmo o inimigo de Deus fica inerte. Mas com a bênção da Igreja local e, mais tarde, da universal, tudo desenvolveu-se, originando com os anos um vasto Movimento espalhado no mundo inteiro, com milhões de aderentes. A sua estrutura bem ordenada pelo Espírito compõe uma Obra que, ao lado de outras do nosso tempo, demonstra, na Igreja e no mundo, que a chegada de uma nova primavera, prevista pelos papas, não é uma utopia.

Sempre conscientes e convictos de que qualquer novidade que nasce na Igreja deve estar em plena comunhão com o seu Magistério e a Tradição, algumas décadas depois do nascimento do Movimento, por volta dos anos setenta, quisemos confrontar aqueles que eram considerados os pontos fundamentais da nossa espiritualidade, tais como os tínhamos compreendido e como os vivíamos, com o que a respeito deles haviam dito os Padres da Igreja, os Concílios, os santos, os papas, os grandes teólogos.

Tivemos a alegria de descobrir que existia uma maravilhosa consonância e de receber a confirmação de que éramos, embora com o nosso próprio modo de pensar e de agir, uma só coisa com a Mãe, a Igreja.

Veio daí, como consequência, uma compreensão mais profunda e mais iluminada de toda a sua doutrina; um mergulho nesse ensinamento, que ajudou a fazer de cada um de nós, cada vez mais - assim o esperamos -, almas-Igreja.

Ultimamente, portanto, percebemos que está surgindo dessa nova vida, dessa nossa experiência, uma doutrina específica que, ancorada sempre na eterna verdade da Revelação, desenvolve e renova a tradição teológica.

A presença, no Movimento, de um bispo, Klaus Hemmerle - famoso, profundo e moderno teólogo e filósofo alemão, já falecido - e, de professores ou estudiosos, focolarinas e focolarinos leigos, sacerdotes e religiosos - que viveram sempre inseridos no Movimento sem jamais deixarem os estudos, mas enriquecendo-se com uma verdadeira e profunda cultura já iluminada pelo carisma da unidade - constituiu a circunstância propícia para abrirmos uma Escola destinada a estudar essa doutrina: é a chamada Escola Abbá.

Ademais, não é a primeira vez que isso acontece na Igreja.

Por acaso, o Espírito Santo não extraiu uma nova doutrina da experiência de São Francisco, encarregando especificamente, para essa tarefa, São Boaventura e o teólogo Duns Scotto?

E por acaso Santo Tomás de Aquino não é, além de "doctor communis", também o teólogo da Ordem fundada por São Domingos?

Também para nós, (pois não é tanto de nós que se trata, mas de Deus que age), depois de cinquenta anos de vida, abriu-se uma análoga possibilidade.

Estudamos e continuamos a estudar. Aprofunda-se a experiência que fizemos em todo esse tempo, confrontando-a com a Escritura e com a grande tradição da Igreja.

Além do mais são aprofundadas também intuições e iluminações - ocorridas especialmente num tempo não muito distante do início do Movimento, em 1949 - que o Espírito parece nos ter sugerido no vasto campo da fé.

Mas quais são as ideias-força da teologia que emerge do carisma da unidade? Gostaria, aqui, de recordar algumas delas, embora não se esgotem, certamente, as linhas de aprofundamento e de pesquisa que estão sendo desenvolvidas.

Trata-se de Deus-Amor, da unidade, de Jesus crucificado e abandonado e de Maria.

Em primeiro lugar, Deus-Amor. Também para a nossa teologia vale o que João Paulo II disse da espiritualidade que Deus nos doou: que a sua centelha inspiradora foi o amor.^{vi}

Não, obviamente, um amor qualquer, mas o ágape, o amor de Deus, o Amor que é Deus. O ponto de partida da nossa experiência, e da teologia consequente é o mesmo da fé cristã: "E nós acreditamos e cremos no amor de Deus por nós. Deus é amor".^{vii}

A originalidade da revelação cristã - que manifesta em sua extraordinária profundidade a auto-revelação de Deus no Antigo Testamento, "Eu sou aquele que Sou"^{viii}, levando, ao mesmo tempo, à inesperada consumação as sementes do Verbo espalhadas nas diversas religiões - está contida nessa confissão de fé do Novo Testamento: "Deus é Amor"!

Amor que não é apenas um atributo de Deus, mas o seu próprio Ser. E porque é Amor, Deus é Uno e, ao mesmo tempo, Trino: Pai, Filho e Espírito Santo.

Jesus - sobretudo em seu evento pascal de paixão, projetada até ao aniquilamento do abandono e à morte, que produz a ressurreição e a efusão do Espírito - revela-nos o Ser da Trindade como Amor.

O Pai gera por amor o Filho, "perde-se" Nele, vive Nele, faz-se de certo modo "não-ser" por amor e, justamente por isso Ele é, é Pai. O Filho, enquanto eco do Pai, retorna por amor ao Pai, "perde-se" Nele, vive Nele, faz-se de certo modo "não ser" por amor e justamente fazendo assim é, é Filho; o Espírito Santo, que é o recíproco amor entre Pai e Filho, seu vínculo de unidade, faz-se, Ele também, de certo modo, "não ser" por amor e justamente por isso é, é o Espírito Santo.

Estreitamente relacionado a essa primeira ideia-força, está o segundo: a unidade.

Desde os primórdios do Movimento ficamos fulguradas pelas palavras de Jesus na oração pela unidade: "Assim como tu, Pai, estás em mim e eu tem ti, também sejam eles em nós uma única coisa, para que o mundo creia que tu me enviaste".^{ix}

A partir dessas palavras, procurando colocá-las em prática, descobrimos que se desprendia uma luz que iluminava o desígnio de amor de Deus para a humanidade.

Jesus, de fato, - compreendemos então - é o Verbo de Deus feito homem para ensinar aos homens a viverem segundo o modelo da vida trinitária, a vida que Ele vive no seio do Pai.

Ele não se contentou em evidenciar e ligar estreitamente entre si os dois mandamentos centrais do Antigo Testamento: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente... Amarás o teu próximo como a ti mesmo".^x Mas nos ensina o mandamento que Ele mesmo não hesita em definir como "seu" e "novo", com o qual se pode viver a vida trinitária na terra: "Como eu vos ameí, amai-vos uns aos outros".^{xi}

O mandamento do amor mútuo vivido segundo a medida do amor de Jesus por nós, até ao abandono, que nos faz plenamente um com Ele, define - como sublinhou também o Concílio Vaticano IIⁱⁱ - a visão do homem que nos foi revelada por Jesus, o coração da antropologia cristã.

Quando se vive o mandamento novo, na prontidão a acolher o dom da unidade em Jesus, que nos vem do Pai, a vida da Trindade não é mais vivida somente na interioridade de cada pessoa, mas circula livremente entre os membros do Corpo Místico de Cristo.

Ele pode, assim, tornar-se plenamente o que já é pela graça da fé e dos sacramentos, sobretudo da Eucaristia: presença do Cristo ressuscitado na história, que revive em cada um dos seus discípulos e no meio deles.^{xiii}

E eis o terceiro ponto: Jesus crucificado e abandonado.

Cremos que o próprio Espírito Santo, antes de nos fazer penetrar no mistério da unidade, concentrou a nossa fé e o nosso amor exclusivo em Jesus que, num ápice insuperável de amor e de dor, grita da cruz: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"^{xiv}

É o momento em que ele experimenta a mais abissal separação que se possa imaginar: experimenta, de certo modo, a separação do seu Pai, com o qual é e permanece uma coisa só. Dessa maneira, doa a todos os homens uma unidade nova e mais plena do que aquela que foi perdida com o pecado: doa a unidade com Deus e dos homens entre si como participação na unidade sua com o Pai e conosco. Ele é, por isso, a chave de compreensão e de realização da unidade.

De fato, para realizar a unidade é preciso ter em mente e amar Jesus Abandonado (foi assim que, desde o início, denominamos Jesus em seu mistério central e que resume toda a sua missão redentora); é preciso amá-lo daquele modo radical de São Paulo como ele afirma: "Pois não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado".^{xv}

Jesus no seu abandono tornou-se - como mostra a Escritura - "pecado"^{xvi}, "maldição"^{xvii} para fazer-se uma coisa só com os afastados de Deus.

Por isso, Jesus Abandonado parece ser justamente o Deus do nosso tempo, divina resposta aos abismos de sofrimento e de provação escavados no coração dos homens pelo ateísmo, que impregna boa parte da cultura moderna; pela miséria de milhões de deserdados; pela busca de sentido e de ideais das novas gerações, desiludidas e desorientadas.

Jesus Abandonado é o Deus de hoje, inclusive porque é a imagem da divisão que existe entre as Igrejas, divisão da qual estamos hoje mais conscientes do que nunca.

Mas é exatamente quando descobrimos nessas divisões o seu semblante que nasce a esperança de se poder cooperar vitalmente para a reunificação.

Em especial, intuímos que Nele, "que era Deus e aniquilou-se a si mesmo"^{xviii}, - como escreve São Paulo -, se abre um caminho providencial para aquele diálogo com as tradições religiosas do Oriente, que representa uma das fronteiras mais exigentes e urgentes nesta aurora do terceiro milênio.

Enfim, Maria. Ela, assim parece-nos, não pode ser somente um tema, embora importante, entre tantos outros, da nossa teologia.

Talvez porque a nossa Obra é Obra sua, Obra de Maria; talvez porque hoje muitos sinais dos tempos e abalizadas manifestações do magistério nos falam que está emergindo o "perfil mariano" da Igreja; talvez porque assistimos ao singular fenômeno do reconhecimento da figura de Maria também por parte de outras confissões religiosas: por tudo isso, percebemos que se prenuncia uma nova e original estação de reflexão mariológica.

Nela - pensamos - a realidade de Maria será compreendida no contexto do desígnio global de salvação de Deus para toda a humanidade e o cosmos.

De fato, Maria, como disse recentemente João Paulo II, é "parte integrante da economia de comunicação da Trindade ao gênero humano".^{xix}

Ela é a Mãe do Verbo de Deus feito homem, o que a coloca numa relação extraordinária e única com toda a Santíssima Trindade.^{xx}

É esta, sobretudo, a real grandeza de Maria, que "glorifica" a grandeza de Deus e das suas obras.

No entanto, Maria é também Mãe da Igreja. Assim como gerou o Filho de Deus na carne, por obra do Espírito Santo, assim também, tornada partícipe, de modo singular, da redenção, na desolação vivida aos pés da cruz^{xxi}, ela participa eficazmente da regeneração dos filhos de Deus realizada no seio da Igreja pelo Espírito Santo.

Maria, agora no Céu, com o desígnio de Deus sobre ela completamente realizado, é a flor e as primícias da Igreja e da Criação, que nela já foi cristificada, divinizada. De certo modo, podemos imaginá-la inserida, pela graça, na Trindade, como imagem e expressão de toda a Criação.

De fato - dado que subsiste em Deus uma perfeita *pericórese* entre as três divinas Pessoas, e que, mediante o Cristo, no Espírito, se realiza atua-se também uma *pericórese* entre a Trindade e a humanidade, vértice e síntese da Criação: "... os amaste como amaste a mim"^{xxii} - toda a criação, recapitulada em Cristo, está destinada a ser, como já o é Maria, e nela, inserida eternamente na Trindade; isto é, a viver e a gozar infinitamente da vida íntima de Deus, no dinamismo sempre novo e inesgotável das relações trinitárias.

Espero tê-los feito intuir que, por meio da doutrina que nasce deste carisma da unidade, temos a impressão de lançar um olhar no núcleo central da própria da Revelação.

Os nossos teólogos, com efeito, citando Balthasar, recordam que: "...carismas como os de Santo Agostinho, São Francisco, Santo Inácio podem receber, como dom do Espírito, *um olhar no próprio centro da Revelação*, olhar esse que enriquece a Igreja de um modo surpreendente e ao mesmo tempo perene. São sempre carismas", continua o grande teólogo, "nos quais inteligência, amor e seguimento são inseparáveis. Reconhece-se, daí, que o Espírito é, ao mesmo tempo, divina sabedoria e divino amor, e em nenhum caso pura teoria, mas sempre também práxis viva".^{xxiii}

Esses professores, antes de mais nada, confirmam que as pessoas que aprofundam esta doutrina - talvez porque, esforçando-se constantemente por viver segundo este carisma de unidade, se mantêm unidas no nome de Jesus, e por esse fato Ele está presente entre elas, e uma vez que diariamente se nutrem de Jesus Eucaristia - podem, de modo especial, Dele participar, ou, como diz Agostinho^{xxiv}, com Ele identificar-se.

Por isso, uma novidade que parece emergir desse carisma assim vivido é o fato de a teologia que dele nasce não ser somente uma teologia sobre Jesus, mas uma teologia de Jesus: de Jesus presente nos teólogos e entre eles.

De fato, eles observam, que a linha seguida na reflexão cristã foi prevalentemente a de ver Jesus sobretudo como Objeto da teologia. Obviamente, sempre se soube que esse Objeto - o Filho de Deus feito homem - exigia um adequado sujeito de conhecimento, isto é, uma razão iluminada pela fé, uma razão cristificada.

Todavia, a nosso ver, excluindo a teologia elaborada por teólogos que eram também carismáticos e, frequentemente, santos (como, por exemplo, para ficar apenas na tradição ocidental, Santo Anselmo de Aosta, São Bernardo de Claraval, Santo Tomás de Aquino, São Boaventura e, antes deles, entre o Oriente e o Ocidente, os Padres da Igreja), a teologia ocidental afirmou-se, sobretudo no passado recente, mais como uma reflexão sobre Deus e sobre Jesus, um conhecimento, portanto, quase "de fora" mais do que de dentro do mistério considerado, isto é por participação, na fé e no amor, no conhecimento que

Jesus tem do Pai. "Ninguém conhece o Filho", disse Jesus, 'senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar".^{xv}

E esse é um conhecimento dado por Jesus ao seu Corpo Místico, mediante o seu Espírito, e que é plenamente recebido quando se é "um só", nele^{xxvi}, como se fosse uma única "mystica persona".^{xxvii}

Por esse carisma da unidade realiza-se, pois, a condição para que renasça uma grande teologia de Jesus: não obviamente do Jesus de dois mil anos, mas do Jesus que vive hoje na Igreja.

Daí, também, uma segunda novidade. Essa teologia, sendo *de* Jesus, que subiu ao *seio do Pai*, que vive hoje na unidade que é a Igreja, se caracterizaria pela perspectiva *a partir do Uno*, isto é, de Deus, em quem tudo existe em sua verdadeira realidade.

Ela seria, portanto "uma" das perspectivas, ao lado das outras, que não excluiria, mas ao contrário, as pressuporia e valorizaria; mas poderia oferecer, ao mesmo tempo, uma contribuição original, capaz de harmonizá-las, conduzindo-as à unidade, iluminando-as segundo um horizonte novo.

Além do mais, como se trata, de certo modo, de uma teologia de Jesus, em quem todas as realidades criadas são recapituladas, ela iluminaria com a sua luz também as várias ciências, tornando-as mais verdadeiras e autênticas.

Aliás, pode-se sonhar que ela se tornaria a mãe dessas ciências e - por que não?, mesmo que em sentido diferente daquele da Idade Média - a rainha, não lhes destruindo a legítima autonomia, mas reconduzindo-as à sua verdadeira raiz e ao seu verdadeiro fim.

Reitor Magnífico, Eminências, Excelências, Reverendos padres, senhoras e senhores, sendo o doutorado que acabei de receber, motivado pela teologia concernente ao Movimento dos Focolares, procurei delongar-me um pouco sobre isso, esperando que tenha sido útil.

Agradeço mais uma vez a todos.

Chiara Lubich

ⁱ Cf. *Jo* 14, 6.

ⁱⁱ *Gv* 17.

ⁱⁱⁱ *Mc* 15, 34; *Mt* 27, 46.

^{iv} G.B. cardeal MONTINI, *Discorsi su la Madonna e su i Santi* (1955-1962) Milão 1965, pp 499-500.

^v Cf. João Paulo II, Audiência do dia 16.02.1995, a um grupo de bispos amigos.

^{vi} Visita de João Paulo II ao Centro internacional de Rocca di Papa, no dia 19 de agosto de 1984; cf. *Città Nuova*, nº 17, 1984.

^{vii} *1 Jo* 4, 16.

^{viii} Cf. *Êxodo* 3, 14.

^{ix} *Jo* 17, 21

^x Cf. *Mt* 22, 37-39.

^{xi} Cf. *Jo* 13, 34; 15, 12.

^{xii} Cf. *Gaudium et spes*, 22, 24.

^{xiii} Cf. *Mt* 18, 20.

^{xiv} *Mc* 15, 34; *Mt* 27, 46

^{xv} *1 Cor* 2,2.

^{xvi} Cf. *2 Cor* 5, 21.

^{xvii} Cf. *Gl* 3, 13

^{xviii} Cf. *Fl* 2, 6-7.

-
- xix . João Paulo II, *Maria in prospettiva trinitaria*, in "L'Osservatore Romano", 11.01.96.
- xx . Cf. *Lc* 1, 35.
- xxi . Cf. *Jo* 19, 25-27.
- xxii . Cf. *Jo* 17, 23.
- xxiii . Teologica, III, Jaca Book, Milão 1992, pág. 22.
- xxiv . Agostinho, *In Jo. Ev.*, tract. 21, 8-9: PL 35, 1568-1569.
- xxv . *Mt* 11, 27.
- xxvi . Cf. *Gl* 3, 28.
- xxvii . Santo Tomás de Aquino, *De ver.* 29, 7 ad 11.